

**Licantropia e Lobisomens:
Práticas, Espaços e Cruzamentos
Culturais**

Lycanthropy and Werewolves: Practices, Spaces and Cultural Crossings

Licantropía Y Hombres Lobo: Prácticas, Espacios Y Cruces Culturales

Francisco Wellington Gomes Filho¹

 [0000-0001-5051-3312](https://orcid.org/0000-0001-5051-3312)

Resumo: O imaginário da licantropia é repleto de complexidade cultural-religiosa. Utilizando a abordagem da micro-histórica e da história cruzada investigou-se traços comuns e de diferenciação através de narrativas lendárias cearenses e portuguesas sobre lobisomens. Com isso foi possível desbravar práticas, interações, agências, espaços e lugares que compõem narrativas orais portuguesas e cearenses. As análises nos levaram a estabelecer uma conexão cultural através de um substrato xamânico nessas narrativas orais.

Palavras-chave: Licantropia. Lobisomens. Práticas. Espaços. Cruzamentos Culturais.

Abstract: The imagery of lycanthropy is full of cultural-religious complexity. Using the micro-historical and cross-history approach, common and differentiating traits were investigated through legendary Ceará and Portuguese narratives about werewolves. This made it possible to explore practices, interactions, agencies, spaces and places that make up Portuguese and Ceará oral narratives. The analyzes led us to establish a cultural connection through a shamanic substrate in these oral narratives.

Keywords: Lycanthropy. Werewolves. Practices. Spaces. Cultural Crossings.

Resumen: Las imágenes de la licantropía están llenas de complejidad cultural-religiosa. Utilizando el enfoque microhistórico y de historia cruzada, se investigaron rasgos comunes y diferenciadores a través de narrativas legendarias de Ceará y portuguesas sobre los hombres lobo. Esto permitió explorar prácticas, interacciones, agencias, espacios y lugares que configuran las narrativas orales portuguesas y cearenses. Los análisis nos llevaron a establecer una conexión cultural a través de un sustrato chamánico en estas narrativas orales.

Palabras-clave: Licantropía. Hombres lobo. Prácticas. Espacios. Cruces Culturales.

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. *Lattes:* [1503779192127091](https://lattes.cnpq.br/1503779192127091) - *E-mail:* wellingtonf20@gmail.com.



Introdução

A licantropia ou o ato de transformar-se em lobisomem faz parte de um extenso imaginário. Muitos dos eventos na história envolvem casos de caráter religioso ou mítico como o bem conhecido caso de Lycaon, rei da Arcádia. Conforme dizem as histórias, Lycaon ao receber uma pessoa em sua casa ofereceu-lhe carne humana como alimento. O visitante que era por sinal Zeus o amaldiçoou a virar uma fera de aspecto lupino e a vagar por anos nessa forma. Outros casos mencionam que não houve oferta de alimento, mas sim uma tentativa de assassinato por parte de Lycaon contra Zeus; ou que Lycaon autorizou o sacrifício de uma criança e isso causou a ira divina de Zeus que por fim fez o rei acadiano ser metamorfoseado em lobo (Cascardo, 2012; Baring-Gould, 2003; Santos, 2019).

Uma das versões mais conhecidas no mundo ocidental é a do poeta latino Ovídio que articula a tentativa de assassinato ao deus Júpiter² com a oferta de carne humana. Ao final tem-se uma mesma consequência: a transformação em lobisomem. No livro *Metamorfoses*³, Ovídio dá fala a Júpiter e esse narra a sequência da maldição que cai sobre Lycaon. Depois do deus lançar sobre o rei “uma chama ultriz” (Ovídio, 1983, p. 16) esse foge aterrorizado pelos campos da região. Acompanhado de um silêncio sombrio

[...] em vão se esforça para recuperar a fala; dele próprio a raiva acorre à sua boca, e seu gosto habitual pelo morticínio se volta contra os animais, e também agora se deleita com o sangue. As vestes se transformam em pêlos, em patas os braços; faz-se lobo, mas guarda vestígios da antiga forma: a mesma cor grisalha, a mesma fúria na cara, o mesmo brilho nos olhos, a mesma imagem da ferocidade (Ovídio, 1983, p. 16).

A sequência descritiva da transformação é bem detalhada e deixa explícita o ser híbrido que estava surgindo. A licantropia em séculos seguintes irá ganhar diversas variações em termos de práticas de transformação em lobisomem. Para além das práticas outros traços se verão importantes e estarão intimamente relacionados com a licantropia. Os espaços são um desses traços onde ocorrem a mudança de forma (de homem para lobisomem). Outros são os objetos, orações, ritos que também surgirão como meios para fazer tanto um sujeito se transformar em lobisomem como fazê-lo voltar à forma humana. Será em meio a essas práticas, espaços e ações (*agency*) que nos deteremos neste estudo historiográfico.

² Aqui o deus Júpiter da mitologia romana é o equivalente a Zeus na mitologia grega.

³ Tendo sua primeira publicação surgido por volta do ano 8 d.C.



Os casos de licantropia que analisarei são fruto de narrativas orais, dentre esses, uma narrativa contada por uma moradora da pequena cidade de Limoeiro do Norte. O município está localizado na região do Vale do Jaguaribe, no Estado do Ceará. Outro conjunto de fontes também são narrativas recolhidas dessa vez em Portugal fruto de um trabalho tanto etnográfico quanto de compilação documental. A narrativa portuguesa sobre licantropia faz parte do livro *Seres mágicos em Portugal*, da autora e pesquisadora Vanessa Fidalgo (2014). Ambos os tipos de fonte exploram o caráter lendário que permeia o imaginário do povo.

As narrativas sobre lobisomens e licantropias não podem ser entendidas ou analisadas como sendo mera imaginação ou ficção dos entrevistados, mas sim remetendo a um contato com o espaço em volta experienciável onde um imaginário surge e reverbera a partir da crença em lobisomens e licantropias, que faz parte da cultura do povo. Por isso podemos dizer que

[...] o limite entre o real e o imaginário revela-se variável, enquanto o território atravessado por esse limite permanece, ao contrário, sempre e por toda parte idêntico, já que nada mais é senão o campo inteiro da experiência humana, do mais coletivamente social ao mais intimamente pessoal (Patlagean, 1990, p. 291).

Esse campo da experiência humana é estendido com o propósito de abarcar crenças e práticas que parecem estar submersas, que não parecem ser vistas facilmente. São indícios silenciosos que estão intrincados nas narrativas e permeados de simbologias e significados que repercutem na configuração de uma historicidade sobre o caráter lendário dos lobisomens. Não é por acaso que o imaginário é “[...] uma representação que faz *aparecer* um sentido secreto, é a epifania de um mistério” (Durand, 2000, p. 12).

Aqui, “[...] enquanto representação do real, o imaginário é sempre referência a um ‘outro’ ausente. O imaginário enuncia, se reporta e evoca outra coisa não explícita e não presente” (Pesavento, 1995, p. 15). É o que encontraremos, pois o lobisomem não parece se mostrar óbvio na sua personificação comum de fera, comumente visto em filmes e *games*. Aqui a licantropia e o lobisomem são emanções sorrateiras e crenças despercebidas que os sujeitos narram quando evocam suas memórias.

Como proposta para explorar as fontes orais caminharei por duas abordagens metodológicas: a micro-história e a história cruzada. Ambas as metodologias nos propiciarão uma investigação, respectivamente, mais detalhada e comparativa sobre os relatos dos



narradores. Que traços comuns e de diferenciação podemos estabelecer entre as práticas de licantropia? Que conexões culturais podemos traçar sobre esses lobisomens?

Essas duas perguntas mais gerais nos farão buscar respostas específicas, mas também elucidativas sobre o que é a licantropia, pois em meio a investigação das fontes será inevitável historicizar os caminhos de difusão e variação da licantropia pela Europa e pelo Brasil. Isso implicará em uma percepção do lugar da licantropia portuguesa e cearense dentro de uma discussão mais vasta sobre o imaginário do lobisomem.

A abordagem micro-histórica tem como propósito executar uma análise minuciosa sobre os detalhes de uma documentação. Para o historiador italiano Giovanni Levi a “História é a ciência das perguntas gerais, mas das respostas locais. Não podemos imaginar uma generalização em História que seja válida” (Levi, 2014, p. 1). Essa proposição é para Levi uma resposta de como pensar a pesquisa micro-histórica e seu lugar como abordagem analítica perante as fontes: o que leva para a configuração e a construção de uma escrita historiográfica.

Com isso podemos dizer que buscamos respostas específicas para uma questão mais geral que envolve o imaginário da licantropia. Essa forma de lidar com a documentação também exige uma redução da escala de análise e um olhar microscópico, micro analítico, que se atente aos detalhes. Quando nos apropriamos da perspectiva de Levi também nos aproximamos do que ressalta o historiador francês Jacques Revel quando diz que a micro-história procura evidenciar os traços finos que não seriam facilmente vistos através de uma escala macro (Levi, 1992; Revel, 1998).

Nesse sentido, enveredar pelos relatos sobre licantropia nos fará buscar os significados das práticas, os usos dos espaços e os sentidos culturais que permeiam cada ação tanto de sujeitos que interagem com um lobisomem como de um próprio sujeito que é licantropista. Fazer micro-história, nessa perspectiva, é se deter nas singularidades e ir criando uma operação histórica sobre o tema em estudo. A microanálise é primordial, pois nos fará entender cada detalhe dentro de um imaginário que pode parecer homogêneo à primeira vista. Desse modo, veremos como cada caso de licantropia se constitui de forma própria, singular, mas que pode ser relacionado com outros casos análogos ou homólogos.

É por isso que se torna importante aliar a abordagem da micro-história com a da história cruzada. Primeiro: por tratarmos de fontes distantes espacialmente, mas que se



assemelham tanto pelo tipo de documento (narrativas orais) como pela temática abordada nas narrativas. Segundo: a história cruzada proporciona uma forma de cruzar práticas, ações, interações, espaços e símbolos que fazem parte do objeto de estudo (Werner; Zimmermann, 2003).

No caso da licantropia, o que buscamos é cruzar: as práticas de transformação em lobisomem e a voltar deste a forma humana; as ações dos sujeitos que interagem com o lobisomem; os espaços onde a licantropia ocorre; e uma simbologia em volta do ato de executar a licantropia. Essa forma de proceder junto às fontes nos fará criar um contexto singular sobre o imaginário do lobisomem e da licantropia. Isso, é claro, não exclui uma historicização sobre as análises que em qualquer estudo historiográfico é essencial. Esse contexto que surge da investigação e análise das fontes não faz perder o caráter micro ou faz surgir uma generalização, pois como ponderamos a generalização surge nas perguntas, sendo que as respostas a essas perguntas aparecerão na forma de uma abordagem convergente entre a micro-história e a história cruzada.

Criar contextos conforme o desenrolar das análises sobre as narrativas que tratam de lobisomens é uma forma de ressaltar a singularização dessas narrativas. Isso não está distante do que o micro-historiador islandês Sigurdur Magnússon trata ao falar que a singularização da história “[...] fornece ao pesquisador um meio de trazer à tona as oposições que existem entre os diferentes ‘discursos’ de grupos individuais, e esta é uma pré-condição para podermos abordar as ideias e pontos de vista que na generalidade não vêm à tona” (Magnússon, 2003, p. 20, *tradução nossa*)⁴. Aqui singularizar se relaciona com o ato de cruzar referido anteriormente. Não perder o caráter de especificidade que cada fonte nos oferece é tentar construir uma historiografia que se propõe diversa em cada narrativa a ser investigada.

Sobre Lobisomens e Licantropias

O famoso caso de Lycaon nos leva a pensar a licantropia como uma maldição que é lançada sobre um sujeito e este adquire feições e atributos de um lobo. Foi isso que vimos com o rei da Arcádia: seu corpo e pele passaram a ser atingidos por alterações. Penugens

⁴ Original: “provides the researcher with a means of bringing out the oppositions that exist between the different “discourses” of individual groups, and this is a precondition to our being able to approach ideas and points of view that in the general run do not come to the fore”.



começaram a crescer sobre o corpo, o gosto pelo sangue de animais começou a invadir seu senso de fome e a sensação de saciar-se com carne crua perpassava sua vontade de alimentar-se. Ainda assim, nem sempre os casos de licantropia envolvem uma relação com amaldiçoamento: uso de poderes mágicos ou místicos para que uma pessoa possa se transformar em lobisomem. Por vezes as narrativas sobre licantropias trazem certa ambiguidade ou pelo menos não deixa tão explícito o motivo do aparecimento da fera lupina, o que dá a sensação de pensarmos o lobisomem como uma assombração.

Uma assombração na perspectiva do folclorista Câmara Cascudo (1999) é uma entidade ou ser fantástico, é “[...] um terror pelo encontro com entes fantásticos, aparição de espectros, ato de espavorir-se; casa mal-assombrada, onde aparecem almas do outro mundo. Uma assombração, um grande medo. Rumores, vozes, sons misteriosos, luzes inexplicáveis” (Cascudo, 1999, p. 112).

Por outro lado, Gilberto Freyre (1987) em *Assombrações de Recife Velho* não traz uma definição tão delimitada ou mais geral como fez Cascudo. Nesta obra que busca resgatar narrativas sobre casos que envolvem assombrações pela cidade de Recife, Freyre fala de seres assombrosos como o fantasma, o lobisomem, o papafigo, luzes misteriosas ou até uma casa como espaço onde perpassa uma assombração. O lugar assombrado ou o espaço de assombração é uma condição que surge perante uma situação que está envolta de crenças, medos, práticas e simbolizações.

Já o teólogo Ruben Marcelino Silva (2016), que realizou uma pesquisa sobre assombrações na Bíblia judaica, desvenda uma busca etimológica do conceito de assombração e confronta os significados de assombração com sua investigação sobre aparições na Israel antiga. Em seu estudo, assombração e seus léxicos designam tanto um fantasma ou espírito como também um espaço assombroso.

Essas formas de significar o que é uma assombração terá traços comuns com que encontraremos como sendo o lobisomem. O tom de ambiguidade será uma presença marcante justamente porque perpassa por crenças da cultura do povo e a forma como os sujeitos narram suas memórias. O envolvimento entre memória e imaginação se torna eminente, mas isso não desmerece o que as narrativas sobre lobisomens e licantropias, como assombrações, podem significar em termos de crenças e quais configurações culturais e religiosas estão evidenciadas nas interações entre assombrações lupinas e sujeitos.



Veremos que a atribuição dos lobisomens como assombrações também se configura como uma expressão de um Duplo espiritual ou físico que está presente em outras culturas e que podem ser conectadas em termos de crenças homólogas pela via da historicização do lobisomem.

Um caso interessante que evidencia o caráter ambíguo do lobisomem e da licantropia ocorreu no município de Lourinhã, que faz parte do Distrito de Lisboa, em Portugal. Ana Catarina Santos⁵, de 36 anos, conta um relato ocorrido com sua avó quando essa era mais nova⁶, lá pela década de 1940. Ana Catarina falou que “[...] sempre que tínhamos reunião de família, a minha avó contava-nos as histórias do seu tempo de criança, que quase sempre metiam fantasmas e demónios e coisas assustadoras” (Fidalgo, 2014, p. 29). Sua avó contou que ela, a irmã e os pais moravam em uma casa mais isolada da povoação em meio aos montes da localidade. Certa noite seus pais foram à cidade e as duas meninas ficaram sozinhas em casa. Depois de algumas horas sozinhas na residência, em meio a escuridão noturna, iniciou-se uma forte chuva com “[...] relâmpagos e trovões, [sendo que] elas ouviam sons estranhos vindos de fora da casa” (Fidalgo, 2014, p. 29).

As duas meninas estavam a sós sendo que a irmã da avó de Ana Catarina parecia estar estranha naquela noite. Sua avó dizia que a irmã comumente tinha comportamentos estranhos e que nessa noite chuvosa estava mais afastada e calada do que era de costume. Fora esse incomum comportamento já era meia-noite quando a chuva parou por completo e “reinou um silêncio total” (Fidalgo, 2014, p. 29). Sem se ouvir nada por um tempo, de repente os latidos e uivos dos cães começaram a ser escutados, “[...] como se tivessem a ver algo que deveriam afastar da casa” (Fidalgo, 2014, p. 29).

Depois dos uivos começou-se a ouvir somente o silêncio que logo depois fora cortado pelo choro e gemido dos cães. Nessa altura a avó de Ana Catarina e sua irmã já haviam ido para o quarto de dormir e trancado a porta. Ainda assim começaram a escutar sons de passos a rondar a casa. “Mas não eram passos humanos! Pareciam cascos de cavalo!” (Fidalgo, 2014, p. 30). Ao que tudo indica sua avó disse que era de uma criatura que parou a beira da janela do quarto. Nesse instante, ambas as garotas ficaram apavoradas, “[...] até que a irmã da

⁵ Na data da entrevista com Ana Catarina, 2013, sua avó tinha 84 anos.

⁶ Pela idade da avó de Ana Catarina e a data da entrevista podemos saber quantos anos, aproximadamente, sua vó tinha em 1940: 2013-84= 1929. Sua vó tinha entre 10 e 11 anos em 1940.



minha avó se levantou meio em transe e encostou-se à janela, com a cabeça no vidro e os braços pendurados ao longo do corpo e lá ficou” (Fidalgo, 2014, p. 30).

A menina parecia estar desnorтеada com o corpo impulsionado para a frente apoiado unicamente pela cabeça contra o vidro da janela e com a criatura do outro lado: uma defronte para a outra. Porém, não se via nada, pois as janelas de vidro estavam cobertas por madeira. “Só não se via nada porque elas [as janelas] tinham as portadas de madeira bem fechadas. Mas ouviam!” (Fidalgo, 2014, p. 30). A avó de Ana Catarina disse que se escutava o intenso ofegar da criatura do outro lado da janela e seu farejar forte sobre sua irmã, que fazia os cabelos da menina moverem-se. Com isso a avó de Ana Catarina, por ser muito religiosa, começou a rezar, “[...] mas de nada adiantava porque, quanto mais orava, mais a criatura parecia ficar enfurecida, a ponto de desatar a correr em redor da casa” (Fidalgo, 2014, p. 30).

Em meio aos rebuliços da fera, suas correrias no entorno da residência e as orações da avó de Ana Catarina, a criatura acabou-se por se jogar contra a porta da sala. Os sons de batida contra a porta foram contínuos apavorando a jovem garota. As investidas e a não entrada da criatura no recinto interno da casa eram acompanhadas por gritos de dor como se fosse de um homem. Cada vez que “[...] a criatura se lançava enlouquecida contra a porta ouvia-se a seguir um grito de dor!” (Fidalgo, 2014, p. 30). A avó de Ana Catarina então resolveu “[...] ajoelhar-se ao pé da irmã, que continuava naquele transe estranho, pegou-lhe na mão e obrigou-a a rezar” (Fidalgo, 2014, p. 30).

As batidas contra a porta e as orações das duas irmãs continuaram por mais umas horas até que “[...] a força dos urros e das investidas da criatura começaram a diminuir” (Fidalgo, 2014, p. 30), sendo que ambas não conseguiram pregar os olhos naquela noite. Pela manhã os pais das garotas chegaram e encontraram três coisas: “um cão morto com as entranhas de fora, a porta da casa toda amassada e as filhas assustadas” (Fidalgo, 2014, p. 30).

Este evento pode ser deveras incomum na vida de alguém, mas essa narrativa que nem sequer menciona a palavra lobisomem por parte da avó de Ana Catarina resguarda traços de licantropia. Alguns detalhes precisam ser minuciosamente analisados: os passos com som de cascos de cavalo; o transe da irmã da avó de Ana Catarina juntamente com a interação entre a garota e a criatura; a reza por parte da avó de Ana Catarina; as ações da fera (ao redor da casa) e as investidas contra a porta. Esses detalhes podem ser explorados para indicar se a



dita criatura que apareceu se tratava ou não de um lobisomem e qual o significado de toda essa situação ocorrida nesta noite.

Sobre a licantropia na cultura portuguesa, o antropólogo social Mark Harris fala que o lobisomem pode ter aparência de qualquer animal bastando para um homem

[...] tira[r] as suas roupas, pendura-[l]as num pinheiro e rodopia[r] nu na sujeira. Este ato de rodar afeta a transformação, o homem irá tornar-se no último animal que rebolou naquele lugar. Irá, então, correr muito rapidamente não procurando, necessariamente, animais ou humanos para comer, e regressará ao estado humano quando voltar a vestir as suas roupas (Harris, 2008, p. 48).

Essas afirmações de Harris sobre a licantropia portuguesa nos dá o indício de que a criatura que rondava a casa da avó de Ana Catarina poderia ter uma aparência de cavalo, justamente, porque a mesma falou que os passos escutados se assemelhavam a cascos de cavalo quando tocavam o chão de terra do lado de fora da casa. A aparência equina para um lobisomem já difere do caso clássico de Lycaon, que tinha a comum forma lupina. Vemos nesse sentido duas formas distintas de transformação: a do rei arcadiano grego que sofre uma maldição divina e o possível ato de rodar, rodopiar, sobre a cama de algum animal. Além desses modos de executar a licantropia que faz surgir o lobisomem, também temos como destaque algo curioso: o transe por parte da irmã da avó de Ana Catarina.

Esse transe também pode ser conhecido como êxtase, letargia ou catalepsia. A situação passada pela garota não é aleatória e guarda resquícios mais antigos sobre as práticas de licantropia. O êxtase é o estado em que o corpo de uma pessoa fica imóvel e que o espírito transcende, sai do corpo. Esse tipo de fenômeno é bem conhecido em casos do xamanismo euroasiático, assim como na região Centro-leste europeia. O historiador italiano Carlo Ginzburg (2012) tratou de um caso análogo que também envolvia a licantropia. Thiess, em 1692, era um velho de oitenta anos morador de Jürgensburg, na Livônia, que dizia ser lobisomem. Relatou ele, perante inquisidores, que saía a noite em espírito para combater o diabo e feiticeiros por boas colheitas. Thiess

[...] confessou aos juízes que o interrogavam ser um lobisomem. Três vezes por ano, disse, nas noites de santa Lúcia antes do Natal, de São João e de Pentecostes, os lobisomens da Livônia vão até o inferno, 'no fim do mar' (mais tarde, corrigiu-se: 'debaixo da terra'), para lutar com o diabo e os feiticeiros. [...] os lobisomens perseguem, armados de açoites de ferro, os demônios e os bruxos, que, por sua vez, estão armados de cabos de vassoura envoltos em rabos de cavalo. Anos antes, explicou Thiess, um feiticeiro (um camponês chamado Skeistan, agora morto) arrebentara-lhe o nariz. A finalidade das batalhas era a fertilidade dos campos: os bruxos roubam os brotos de trigo, e, caso não se consiga arrancá-los deles, vem a carestia (Ginzburg, 2012, p. 107).



Aqui vemos que essas idas e vindas de Thies são realizadas em espírito com forma lupina e configurando-se como sendo uma prática de licantropia. Thies não fala que entra em transe, mas sua viagem, segundo Ginzburg, faz parte de resquírios xamânicos que envolvem toda uma prática da viagem em espírito. A viagem se daria com o corpo em estado letárgico, extático, imóvel. Seria dessa forma que Thies faria executar sua licantropia fazendo seu espírito viajar e lutar por boas colheitas.

Já com a irmã da avó de Ana Catarina o transe ocorre, mas não fica explícito o porquê disso acontecer. Será que era o seu espírito, assim como ocorria com o de Thies, que em forma de lobisomem estava a rondar a casa e a encarar de frente a janela? Apesar da difícil explicação sobre esse caso narrado, podemos dizer que houve aqui uma ação de caráter xamanístico.

Sobre o estado de transe a etnógrafa e folclorista húngara Éva Pócs fala que “[...] qualquer pessoa em estado alterado de consciência, em transe, [...] poderia se comunicar diretamente com o sobrenatural” (Pócs, 1999, p. 4, *tradução nossa*)⁷. Ela ainda ressalta que esse estado de transe é uma característica de sujeitos que têm capacidade de ter duplos, ou seja, de fazer com que o momento em transe seja propício para que o espírito, o Duplo, saia de seu corpo, sendo que esse pode ter aspecto de animais: “As tradições europeias de lobisomem também estão intimamente ligadas a imagens duplas [...]. A base das crenças do lobisomem (lobo homem) é a existência do alter ego animal – ou seja, o duplo que deixa o corpo durante o transe e se torna um animal” (Pócs, 1999, p. 10, *tradução nossa*)⁸. É essa capacidade de projetar o Duplo que faz com que uma pessoa possa ser chamada de licantropista ou lobisomem.

No contexto húngaro dos estudos de Pócs essas pessoas são conhecidas como “criaturas mara/mahr/mora e lobisomem” (Pócs, 1999, p. 9, *tradução nossa*)⁹. Essas criaturas “[...] mara/mahr/mora são personificações características das imagens duplas, bem como das criaturas que têm duplos – por exemplo, os videntes capazes de entrar em transe” (Pócs,

⁷ Original: “Anyone in an altered state of consciousness, in a trance, [...] could directly communicate with the supernatural”.

⁸ Original: “The European werewolf traditions are also closely connected with double images [...]. The bedrock of werewolf (man wolf) beliefs is the existence of the animal alter ego— that is, the double that leaves the body during a trance and becomes an animal.”.

⁹ Original: “The mara/mahr/mora and werewolf creatures”.



1999, p. 4, *tradução nossa*)¹⁰. Aqui esses videntes são pessoas com atributos de ter visões: que podem fazer aparecer um duplo, um espírito, no mundo dos vivos ou fazer uma viagem para o mundo dos mortos, como no caso de Thiess que ia ao inferno situado em um além-mar.

Tomando como base essas colocações de Pócs, vemos que a irmã da avó de Ana Catarina pode ser caracterizada com os mesmos atributos de uma mara/mahr/mora húngara e que naquele instante teve a capacidade de liberar um duplo. A criatura que aparecerá do lado de fora da casa, nesse caso, seria esse Duplo. Não é à toa que o contato entre a criatura e a irmã da avó de Ana Catarina ocorre de forma mais direta quando ambas ficam defronte à janela. Talvez a lufada de ar (o farejar) vindo da criatura seja uma forma do espírito duplo se comunicar com o seu corpo de origem.

Esses fenômenos do Duplo como um espírito projetado para fora do corpo quando alguém entra em transe já fora documentado também em outras culturas e traz outras historicidades. O filólogo e historiador medievalista Claude Lecouteux discute em seus estudos a presença dos duplos na cultura germânica e de caráter xamânica. Segundo ele:

[...] o homem possui duplos, na maioria das vezes dois deles. Um, material e físico, tem o poder de assumir aparências de animais ou manter sua forma humana; o outro, espiritual e psíquico, também é capaz de metamorfose, mas aparece principalmente em sonhos. Esses duplos têm a capacidade de alcançar o outro mundo - ou qualquer lugar deste mundo - em uma ou outra de suas formas, assim que o corpo é colocado para dormir, colocado em transe ou levado a cair em catalepsia. É difícil distinguir precisamente entre o alter ego físico e o duplo psíquico, visto que mesmo nossos ancestrais distantes os confundiam (Lecouteux, 2003, p. 154, *tradução nossa*).¹¹

Vemos que ele destaca traços comuns com o que aparece na situação experienciada pela avó de Ana Catarina e sua irmã. Notemos que ela, a garota em transe, não fica totalmente imóvel, executa uma curta caminhada em direção a janela de seu quarto e que nesse instante a menina de alguma forma interage com o que está do lado de fora. A criatura postada à frente da janela parece sentir que alguém está prontamente do outro lado. O farejar,

¹⁰ Original: “Mara/ mahr/mora creatures are the characteristic embodiments of double images, as well as of the creatures that have doubles—for example, the seers who are capable of trance”.

¹¹ Original: “man possesses Doubles, most often two of them. One, material and physical, has the power either to take on animal appearances or keep its human form; the other, spiritual and psychic, is also capable of metamorphosis, but appears mostly in dreams. These Doubles have the ability to reach the other world—or any place whatsoever in this world—in one or another of their forms, as soon as the body has been put to sleep, sent into a trance, or made to fall into catalepsy. It is difficult to distinguish precisely between the physical alter ego and the psychic Double, given that even our distant ancestors confused them”.



que relata a avó de Ana Catarina, pode indicar uma conexão. O Duplo parece perceber através do faro que se trata do seu eu físico.

Casos de licantropia como os que aqui chamamos de êxtase, letargia, catalepsia, por parte de um corpo físico que libera um espírito: alter ego (o Duplo) em forma humana ou animal, ou um híbrido dos dois, também são encontrados na França no final do séc. XVI. O relato foi colhido pelo reverendo inglês Sabine Baring-Gould na obra *Discours de Sorciers* (1603-1610) de Henry Boguet, um Gran-juiz da comuna de Sant-Cloud no departamento de Jura, situada no departamento de Franche-Comté. Um dos casos analisados por Boguet foi o da família Gandillon.

Pernette Gandillon “[...] era uma garota da região de Jura, que em 1598 percorreu o país inteiro de quatro, acreditando ser uma loba” (Baring-Gould, 2003, p. 58). Certo dia, “[...] enquanto vagava pelo país em um ataque de licantropia encontrou duas crianças que colhiam morangos” (Baring-Gould, 2003, p. 58). Pernette atacou uma das crianças que estava com uma faca tentando defender a si mesmo e o irmão. Pernette, em meio a luta, “[...] arrancou a arma de sua pequena mão [,da criança], derrubou-o e mordeu sua garganta” (Baring-Gould, 2003, p. 58). Já outro sujeito que executava práticas de licantropia era o sobrinho de Pernette, Georges Gandillon. Esse “[...] depois de três horas prostrado em sua cama, levantou-se rapidamente. Durante esse período, estivera na forma de lobo para o sabá das bruxas” (Baring-Gould, 2003, p. 58)

Esses dois casos também envolvem licantropia. Ambos de forma diferente um do outro, mas com aspectos que podem ser cruzados e conectados com o caso português. Pernette diz ser uma licantropista, e diferente dos casos até aqui mencionados ela não dá ares de executar essa licantropia com algum tipo de transe ou estado que a leve a projetar o aparecimento de um Duplo. Ela parece executar a licantropia de uma outra forma. O estranho é a menção ao fato dela percorrer grandes distâncias por todo o país, isso alude a pensar que ela o fez como espírito, assim como Thiess fez ao lutar além-mar (uma grande distância) por boas colheitas. Essa situação controversa serve também para ressaltar o ocorrido com o sobrinho de Pernette: Georges.

Esse diferente da tia, fica imóvel durante algumas horas e ao acordar afirma que estava em uma reunião do sabá. Georges parece ficar em estado de transe, letargia, enquanto executa seu êxtase: a projeção de seu alter ego, seu Duplo. Sua licantropia fornece mais



indícios comuns com o caso narrado por Ana Catarina sobre sua avó e a irmã, pois em ambos os casos vemos sujeitos praticarem a licantropia em estado de transe.

A difusão da prática da licantropia poderia ocorrer ao que parece a qualquer momento, não necessariamente em um período ou lugar determinado, tanto no caso de Georges como no da irmã da avó de Ana Catarina constatam isso. A situação das duas irmãs em sua casa revela uma situação aleatória do dia a dia, mas que a licantropia se fez presente.

Na experiência ocorrida com as duas irmãs vemos que a criatura do lado de fora só começa a praticar alguma ação ríspida depois que a avó de Ana Catarina inicia uma reza. Aqui rezar se configura como uma força que atinge a criatura, a perturba: é como se fosse um modo de repelir o que estava do lado de fora. Se atingiu a criatura, o Duplo, o mesmo não ocorreu com a irmã da avó de Ana Catarina, a menina parece continuar em transe sem perceber o que está acontecendo ao seu redor. Nesse sentido, a reza perturba a criatura que passa a rodar pela casa como se estivesse incomodada.

A reza é uma hostilidade tão intensa que a criatura passa a tentar arrombar a porta da casa, talvez quisesse a qualquer custo adentrar o recinto e impedir a garota de rezar ou talvez por ouvir as orações queria logo entrar na casa e fazer algum mal as garotas trancafiadas no quarto. Através de toda a situação aterradora, a avó de Ana Catarina ainda revela que o que estava tentando arrombar a porta emitia urros humanos de dor, mas que não cessaram tão facilmente. Como última possibilidade de fazer suportar toda aquela situação, a avó de Ana Catarina juntou-se ao pé de sua irmã e forçou-a rezar junto com ela. Nesse instante não sabemos se a garota realmente rezou, se ela se livrou de seu estado de transe e passou a orar com a irmã. O que sabemos é que depois de algumas horas as batidas diminuíram e a criatura pareceu ter ido embora.

Ainda assim, a reza se mostrou uma prática e rito bastante eficaz, uma forma de se defender e fazer um mal assombro recuar. A reza para lidar com seres sobrenaturais: como um espírito em forma humana (alma) ou em forma de lobisomem, é um recurso com finalidades de proteção. Já desde o séc. XV, na Europa, como se refere o historiador inglês Keith Thomas (1991), a oração, a reza ou a prece eram usadas para afastar maus espíritos, nesse sentido o uso da reza por parte da avó de Ana Catarina é condizente com a situação. Se foi um espírito, conforme a situação de transe de sua irmã, que estava tentando arrombar a



porta, a oração pode ser eficaz, se é outro tipo de lobisomem que não provém do transe, ainda assim a oração também poderia ser útil.

Isso porque o ato de orar, tanto como forma de repelir um espírito mal como para proteção individual ocorreu nessa situação vivenciada pelas duas irmãs. Como nos fala o Thomas (1991, p. 48) “[...] os padres haviam sustentado que as orações podiam proteger contra animais daninhos ou maus espíritos”. Aqui essas duas atribuições do historiador inglês podem aparecer separadas no caso das duas irmãs ou até conjuntamente, devido ao espírito poder estar na forma de um lobisomem com aparência equina.

Nas discussões de Thomas (1991) sobre o uso da prece, oração ou reza, ele fala da diferença entre a prece e um encantamento. Como suas discussões levam em consideração essa diferenciação entre magia e religião ao longo de finais do período medieval perpassando a Idade Moderna europeia, diferenciar aqueles dois termos será elucidativo e ajudará a explicar a prática da licantropia por parte da irmã da avó de Ana Catarina através do imaginário religioso católico do contexto tratado por Thomas.

A prece, oração ou reza, mesmo que prontamente realizada não era garantia de êxito por parte de quem a praticava, já o encantamento (por parte de um mago, esse é o termo usado por Thomas) tem funcionalidade automática. Em relação ao caso das duas irmãs, vemos que o estado de transe e o aparecimento da criatura do lado de fora da casa podem muito bem se assemelhar com o que se atribui o significado de encantamento (Thomas, 1991, p. 47).

Lembremos que Pócs (1999) falou que o transe pode acontecer com qualquer pessoa. Ainda assim, é importante ressaltar que as palavras encantamento e mago, usadas por Thomas, servem para designar práticas de caráter religioso, mas com nomações e apropriações da religiosidade cristã-católica. De qualquer forma essa discussão é útil para colocarmos em evidência os usos de determinadas categorias e a procedência das mesmas a partir de um âmbito cultural religioso.

Outra questão é pensar a eficácia do uso da reza por parte da avó de Ana Catarina. Ela inicia um processo de súplica: uma forma de se acalmar perante o grande medo que estava presente do lado de fora da casa. A reza aqui parece servir tanto para tentar fazer com que a criatura do lado de fora não consiga entrar como para acalmar o estado mental da pessoa que está rezando. Mesmo assim, o desespero da própria menina se torna iminente e ela recorre a



rezar junto à irmã e tenta forçá-la a fazer o mesmo. A reza mesmo que tenha sido praticada pelas duas não pareceu ser muito eficaz, já que a criatura tentou por mais algumas horas penetrar nas dependências da casa.

Se a reza não foi tão eficaz de imediato, a ponto de fazer a criatura ir embora, o mesmo não podemos dizer sobre o ato de entrar em transe por parte da irmã. O êxtase provocado pelo transe, como vimos a pouco, pode ter instigado o aparecimento da criatura como um Duplo espiritual em forma de lobisomem. Para Thomas isso seria o equivalente a um encantamento por causa da eficácia da prática e do seu êxito imediato. Como ele bem afirma

[...] uma prece, em outras palavras, era uma forma de súplica; um encantamento era um meio mecânico de manipulação. A magia postulava forças ocultas da natureza que o mago aprendia a controlar, ao passo que a religião pressupunha a direção do mundo a cargo de um agente consciente, que só poderia ser desviado de seus propósitos pela prece e pela súplica [...] A doutrina da Igreja geralmente era inequívoca a esse respeito: as preces podiam obter resultados práticos, mas não eram garantidas (Thomas, 1991, p. 47).

Tem-se que levar em consideração os usos das categorias encantamento, magia e magos. Esse tipo de denominação pode ser fruto do imaginário cristão-católico em impor uma nomenclatura sobre determinadas práticas culturais religiosas do povo que estão para além dos domínios e das crenças cristãs em termos de doutrina oficial. Dito isso, nessa acepção do historiador inglês o transe da irmã da avó de Ana Catarina tem uma eficiência automática enquanto a reza de sua irmã não parece ser atendida de pronto.

O caráter automático da realização das práticas licantrópicas em volta do Duplo, do êxtase, parecem configurar manifestações do sobrenatural que podem ocorrer a qualquer momento e a crença nessas manifestações é provada pela sua eficácia em termos de práticas que são realizadas. Ora, vimos isso também nos casos de Thies; nas colocações de Éva Pócs e Lecouteux sobre os Duplos (alter ego), transe e êxtase; e nos casos franceses de Pernet e Georges Gandillon, assim como no caso da avó de Ana Catarina e sua irmã. As práticas da licantropia ocorrem em meio ao mundo natural e de forma interativa com outros sujeitos. Talvez seja essa relação com o mundo terreno que aproxime e fortaleça a crença desses sujeitos perante suas próprias práticas e as faça tornar algo automático, imediato.

A reza como vimos foi a forma que a avó de Ana Catarina se dispôs a realizar para tentar lidar com um medo que a assolava. Uma reza, oração ou prece, que perturbou uma criatura, que a fez realizar correrias ao redor da casa: uma fúria que atingiu e colocou o



lobisomem em investida contra a porta de entrada da sala. Mas não será apenas desse tipo de prática que veremos interações com licantropias e lobisomens. Em Limoeiro do Norte – CE algo de estranho também rondou, durante a noite, uma casa impondo um certo medo para quem lá procurava dormir com tranquilidade.

Quem nos conta esse relato é Zenaide Silveira Cunha¹², a mesma tinha por volta de 6 anos, em 1939, quando algo inusitado ocorreu no quintal de sua casa. Quem morava na casa era ela e sua mãe.

Zenaide narrou que já de noite deitada para dormir, ouviu junto com sua mãe uns “rebuliços”¹³ pela parte de fora da casa, algo se esperneava na cama dos porcos ou dos cavalos e “fazia seus espetáculos”. Dessa vez foi na cama dos porcos, a mãe dela estava vendo. A menina ao escutar os barulhos foi atingida pelo medo, porém sua mãe, nesse momento se dirigiu a cozinha, pegou a espingarda de seu falecido marido e debaixo de uma brecha de madeira na porta da cozinha deu um tiro e o “bicho” recuou, a criatura estava transformada em lobisomem. Após o tiro de espingarda de sua mãe, o lobisomem fugiu e não mais apareceu, mas não fora morto. Segundo Zenaide, “[...] se o bicho levasse um tiro de espingarda, fosse como fosse e ele não morresse nunca mais ele virava lobisomem, deixava a vida de lobisomem”.

Vemos novamente a menção a prática de licantropia voltada ao uso da cama de algum animal (vimos com Harris que ele denomina essa cama de sujeira) onde uma pessoa se revira, se rebola, e ao executar essas ações pratica a licantropia e se transforma em lobisomem. Tanto essa narrativa de Zenaide como a contada por Ana Catarina sobre sua avó trazem traços comuns em termos de prática para o local de aparecimento e execução de ações. E vai além: elementos como a noite, o quintal da casa, os sujeitos serem mulheres que estão sozinhas (sem a presença de um homem) e a tentativa de entrada na casa. Tudo isso faz parte e dá indícios de que um lobisomem estava a rondar. Na narrativa contada pela avó de Ana Catarina não há propriamente uma visualização do lobisomem, o que difere da narrativa de Zenaide em que ela afirma que sua mãe vira os rebuliços na cama dos porcos.

Essa conexão entre narrativas distantes espacialmente e temporalmente (diferença de aproximadamente 1 ano, apenas) não é mera coincidência. Esses traços comuns entre as duas narrativas justificam atos de licantropia. No primeiro caso analisado não podemos afirmar,

¹² Zenaide Silveira Cunha, 85 anos. Entrevista gravada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 01/04 /2018.

¹³ Todas as passagens entre aspas são falas diretas da entrevistada.



categoricamente, se o lobisomem tinha aparência equina, pois as narradoras não mencionam uma visualização. Apenas a avó de Ana Catarina alude sobre os sons de casco de cavalo, que são escutados pouco antes da criatura se aproximar da janela onde sua irmã estava encostada. Outro traço que não parece à primeira vista relevante, e que nos leva a crer que a criatura era um lobisomem, é o estado de transe da irmã da avó de Ana Catarina. Vimos que o significado dessa interação entre criatura e a menina em transe poderia estar relacionada a uma prática de licantropia de caráter xamanístico. Mas quais ligações podem ser estabelecidas com a narrativa de Zenaide?

Quando cruzamos a narrativa de Zenaide com a de Ana Catarina vemos que não há qualquer menção a transe ou aparecimento de um duplo que caracterize uma atividade de cunho xamanístico. Porém o próprio ato de rebolar-se na cama de um animal pode se referir a uma prática que configure um traço xamanístico, um resquício antigo que permeia o ato de licantropia e que ainda estaria por existir em narrativas sobre lobisomem em pleno sertão cearense. Se ambos são traços xamanísticos, por que são tão diferentes na forma de demonstrar suas licantropias?

A historicidade da licantropia nos revelou que uma pessoa pode acreditar estar em forma de lobo. Pernette Gandillon foi um caso assim, ela não falou como se transformava, apenas dizia que era um lobisomem e corria pelo país, essas correrias nos levaram a conjecturar serem realizadas em espíritos, as ditas viagens, como o caso de Thies e de seu sobrinho, Georges. O lobisomem que a mãe de Zenaide diz ver em seu quintal e rebolando-se na pocilga é o que caracteriza a transformação. Nesse sentido, a licantropia está mais no ato de executar uma prática que leva a mudar de forma: de homem para lobisomem, do que propriamente nos diferentes modos de fazer executar a licantropia: maldição divina (Lycaon), transe (irmã da avó de Ana Catarina, Thies, os casos húngaros ressaltados por Pócs e o caso de Georges Gandillon), rebolar-se na sujeira (Harris e aqui também podemos acrescentar essa narrativa de Zenaide).

Todas essas práticas são formas de executar as licantropias, sendo que o que elas têm em comum é ato de transformação em lobisomem e são todas homólogas entre si. Com isso podemos dizer que o substrato xamanístico da licantropia não está propriamente em um desses modos, mas sim no próprio ato de realizar a atividade licantrópica. O que a narrativa de Zenaide indica é que essa é mais uma diferenciação para a ação de transformar-se em



lobisomem. Ainda assim há pormenores a serem investigados em sua narrativa principalmente no que se refere ao cenário e a ambientação (espaço e lugares) e a prática de defesa por parte da mãe de Zenaide.

Vemos que a noite surge em ambas as narrativas como ambiente propício para a aparição do lobisomem e que as vítimas são mulheres. Isso não é algo incomum em meio a historicidade dos lobisomens, pois já na França do séc. XVIII, como afirma o historiador francês Jean Delumeau (2009, p. 105), o lobisomem que atacou a pequena cidade de Gévaudan, por volta de 1763, tinha como vítimas preferenciais mulheres grávidas e crianças que majoritariamente estavam longe da casa paterna. Aqui essa ênfase sobre a casa liderada pela figura masculina é o que parece fazer a diferença para o ataque do lobisomem. A avó de Ana Catarina e sua irmã estavam sozinhas em casa, o mesmo para Zenaide e sua mãe. O lobisomem parece saber o momento propício para realizar um ataque tomando a escuridão da noite e os arredores da casa como espaço de movimento para sua investida.

Caso conhecido também por ataque de lobisomem tendo como vítima mulheres ocorreu na Capital pernambucana, Recife, por volta da primeira metade do séc. XX. Josefina fora a vítima. A mesma estava a andar por uma estrada quando foi surpreendida por um lobisomem. Assim é descrita a situação pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre:

[...] no meio do caminho, senti de repente que junto dela parava um não-sei-quê alvacento ou amarelento, levantando areia e espadanando terra; um não-sei-quê horrível; alguma coisa de que não pôde ver a forma; nem se tinha olhos de gente ou de bicho. Só viu que era uma mancha amarelenta; que fedia; que começava a se agarrar como um grude nojento ao seu corpo. Mas um grude com dentes duros e pontudos de lobo (Freyre, 1987, p. 55).

A moça ficou toda machucada e arranhada, sendo que a sua alternativa foi recorrer a Nossa Senhora da Saúde, pois foi só depois que interrompeu o silêncio com gritos em busca da santa que o lobisomem recuou e foi embora. Segundo diziam, o lobisomem recifense “[...] tinha mais medo [da santa] do que do próprio Nosso Senhor” (Freyre, 1987, p. 55). Aqui a menção a santa pode ser o equivalente a uma busca por oração ou reza que a protegesse do lobisomem. Vimos que essa prática de rezar também fora usada pela avó de Ana Catarina para tentar se proteger e afugentar o lobisomem que tentava arrombar a porta de sua casa. Em Gévaudan, também se utilizava reza para combater a fera que assolou a pequena cidade francesa, dizia-se que era o “pai-nosso do lobo” (Delumeau, 2009, p. 105). Reza essa não



aprovada pela doutrina católica da época, ou seja, de caráter próprio da cultura do povo. Um mecanismo de livramento contra o lobisomem e os medos que esse carregava.

Quando contrastamos com o caso de Zenaide vemos que a prática de repelir o lobisomem contém traços comuns e de diferenciação, pois o tiro de espingarda é a ação a ser executada como forma de proteção. O lobisomem, assim como nos outros casos, parece ser surpreendido com o uso de qualquer forma de defesa. Talvez a fera esperasse algum tipo de facilidade por atacar mulheres que para ele estariam indefesas. O que não ocorre, pois rezas, orações, chamamento de Santa, e tiros acabaram por se tornar formas eficazes não só de se livrar do lobisomem, mas de fazê-lo também não voltar a transformar-se, ou seja, não executar mais a licantropia. Isso é o que diz Zenaide em seu relato, mas também é o que menciona Câmara Cascudo, pois para “[...] desencantá-lo [o lobisomem] basta o menor ferimento que cause sangue. Ou bala que se unte com cera de vela que ardeu em três missas de domingo ou na missa-do-galo, na meia-noite do Natal” (Cascudo, 1999, p. 518).

O uso de arma de fogo para causar ferimento também aparece em Gévaudan com um sentido religioso semelhante ao de Cascudo. Além da reza do pai-nosso do lobo, as pessoas eram instruídas, como meio de defesa, a mergulhar “balas de fuzil na água benta” (Delumeau, 2009, 105). O tiro de espingarda dado pela mãe de Zenaide não mencionava qualquer bala abençoada, nem sequer se o tiro atingiu a fera. Mas Zenaide mesmo assim afirma que se o bicho levasse um tiro e não morresse não voltaria a transformar-se em lobisomem. Ao que parece uma diferenciação bem menos mortal para o lobisomem que normalmente precisaria de um ferimento que o levasse ao sangramento. Uma diferenciação provocada pelo desgaste da crença? Estaria a manifestação do lobisomem se desgastando ou tornando-se menos hostil tanto para as vítimas como para o próprio lobisomem?

Em todos os casos, tanto os das narrativas analisadas (a portuguesa e a cearense) como dos outros casos utilizados para historicizar o contexto da licantropia e do lobisomem, as formas de se defender foram bem-sucedidas, apenas o caso de Pernette Gandillon ocorreu um massacre por parte dela contra as crianças que ela atacará. Os modos de se defender levaram os sujeitos a sobreviver ao ataque de lobisomens e a vivenciarem uma situação deveras singular em suas vidas. Esses casos de licantropia nos fizeram ver os usos e as formas de execução (aparição) do lobisomem, quanto uma assombração a permear a vida dos



vivos, assim como seus modos de realizar um ataque às vítimas. Também fez entender que ao final parece muito mais que o lobisomem é quem se torna a vítima da situação.

Ora, percebemos que a reza por parte da avó de Ana Catarina é o que parece causar a perturbação na fera que passa a rodear a casa em correria e depois tenta arrombar a porta, e isso provoca os urros de dor. Já na narrativa de Zenaide, o tiro mesmo não tendo atingido se mostra certo, pois faz recuar a fera lupina e, segundo a crença local, esse não mais poderia se transformar em lobisomem, sua licantropia estava encerrada.

Ainda assim, há outros aspectos dessas narrativas que devemos analisar. Os usos dos espaços como um movimento onde os lobisomens tentam executar suas práticas é um desses aspectos, pois “[...] o espaço é um cruzamento de móveis. É animado de certo modo pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram” (Certeau, 1998, p. 202). Nesse sentido o lugar se difere do espaço, é mais um posicionamento dos sujeitos, é uma circunscrição no espaço. “Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade de duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar” (Certeau, 1998, p. 201). É por isso que o historiador francês Michel de Certeau diz que “[...] um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições” (Certeau, 1998, p. 201).

Esses casos de licantropia são realizados em meio a espaços onde os lobisomens e os sujeitos são lugares. É em meio aos espaços praticados que as relações de coexistência, das quais fala Certeau, são operadas. Os sujeitos e o lobisomem são esses elementos que participam de uma tensão que se desdobram nos movimentos, nas práticas que ambos realizam em meio aos espaços. Apesar do lugar ser uma posição e que cada sujeito e lobisomem se configuraram como um lugar, eles não são estáticos, sua dinâmica está na capacidade de realizarem ações e estabelecerem uma agência própria. Por isso que as práticas dos sujeitos e as licantropias realizadas são importantes, pois é essa dinâmica que nos faz afirmar que “o espaço é um lugar praticado” (Certeau, 1998, p. 202). E é nessa prática que se configura uma historicidade própria para esse imaginário de assombrações das narrativas sobre lobisomens e licantropias.

Sem essas práticas narrativas, que nos levam a apreender as ações e interações entre sujeitos e lobisomens, seria difícil de perceber as agências. O contexto da licantropia mesmo atravessado por espacialidades e temporalidades distantes quando historicizado não inibe uma



abordagem micro-histórica e de história cruzada, para desbravar as ações (agência) dos envolvidos na situação.

Desse modo, esses casos em análise demonstraram a versatilidade da licantropia em dois âmbitos culturais, mas que trazem traços comuns tanto nas práticas; nos espaços e nos lugares de ocorrência; assim como no ato de executar a licantropia como uma ação de caráter xamanístico. Ambas as narrativas nos propiciaram ver diferenciações que podem se conjugar em meio a aspectos comuns. A não homogeneidade da licantropia nos leva a perceber que as crenças se difundiram culturalmente e religiosamente de forma mais diversa do que parecia. E é essa diversidade que nos faz compreender como esse imaginário do lobisomem se torna complexo quando submetido a uma investigação mais aprofundada.

Considerações Finais

Essa empreitada investigativa sobre lobisomens e licantropias nos levou a compreender a diversidade desse tema na historiografia. Se os casos a princípio pareciam bastante incongruentes em termos da capacidade que podiam ter em revelar aspectos comuns, ao final percebemos que mesmo com diferenciações é possível estabelecer atributos e traços que podem convergir para os significados do que são as práticas de licantropia.

Traços comuns não necessariamente significa homogeneidade. Cruzar essas fontes contribuiu para desbravar e configurar formas outras de perceber como a licantropia está presente em momentos bastante singulares nas vidas das pessoas. Mesmo que recursos culturais antigos possam aparecer de forma um tanto quanto peculiar: o transe ou o rebolar-se na cama de uma animal. Isso serviu para demonstrarmos que o traço xamanístico não apenas é exclusivo a um modo de executar a licantropia, mas sim a questão de estar atrelado a uma finalidade: o ato de transformar-se em lobisomem.

Empreender por uma abordagem micro-histórica e de história cruzada nos forneceu explorar detalhes que se conjugaram: práticas, interações, espaços, lugares. Tudo isso para dar significado a licantropia e suas formas de execução no cotidiano dos sujeitos. Com apenas duas narrativas conseguimos demonstrar a presença de um substrato xamanístico e uma conexão entre os casos português e cearense. Em pesquisa futura a intenção é ampliar o escopo documental e tentar mapear, as diferenciações e os traços comuns entre os vários



casos de licantropia, justamente para fortalecer a tese da prevalência de resquícios xamanísticos em narrativas portuguesas e cearenses sobre a assombração lobisomem.

Referências

Baring-Gould, Sabine. **Lobisomem**: um tratado sobre casos de licantropia. Trad. Fernanda M. V. de Azevedo Rossi. São Paulo: Madras, 2003.

Cascudo, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

Cascudo, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo: Global, 2012.

Certeau, Michel. de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

Delumeau, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia de bolso, 2009.

Durand, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 2000.

Fidalgo, Vanessa. **Seres Mágicos em Portugal**: histórias de fadas, duendes, olharapos, lobisomens, diabretes e outras criaturas que habitam o nosso país. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2014.

Freyre, Gilberto. **Assombrações do Recife velho**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

Ginzburg, Carlo. **História Noturna**: decifrando o sabá. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Harris, Mark. O lobisomem entre índios e brancos: o trabalho da imaginação no Grão-Pará no final do século XVIII. **Revista Ieb**, v. 1, n. 47, p. 29-55, 2008.

Lecouteux, Claude. **Witches, Werewolves, and Fairies**: Shapeshifters and Astral Doubles in the Middle Ages. Rochester: Inner Traditions, 2003.

Levi, Giovanni. O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar. **Revista Tempo**, v. 20, n. 1, p. 1-20, 2014.

Levi, Giovanni. Sobre a micro-história. *In*: Burke, Peter (Org.). **A Escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

Magnússon, Sigurdur Gylfi. “‘The Singularization of History’: Social History and Microhistory within the Postmodern State of Knowledge.” **Journal of Social History**, v. 36, n. 3, p. 701–35, 2003.



Ovídio. **As metamorfoses**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1983.

Patlagean, Evelyne. A História do Imaginário. *In*: Goff, Jaques Le (Org.). **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 291-318.

Pesavento, Sandra Jatahy. Em busca de uma Outra História: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, v. 29, n. 15, p. 9-27, 1995.

Pócs, Éva. **Between the Living and the Dead**: a perspective on witches and seers in the early modern age. Budapeste: Central European University Press, 1999.

Revel, Jacques. Microanálise e construção social. *In*: Revel, Jaques (Org.). **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Santos, Jamille da Silva. **Projeções do lobisomem na literatura**: uma arqueogenealogia do corpo-espaço lupino. Tese (Doutorado em Estudos Literários), Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia - UFU, 2019.

Silva, Ruben Marcelino Bento da. **Assombrações [e] repã'ím**: um contato (e um reconhecimento mútuo?) entre dois conceitos provindos dos imaginários brasileiro e bíblico-judaico. Tese (Doutorado em Teologia), São Leopoldo: Faculdades Est, 2016.

Thomas, Keith. **Religião e o declínio da magia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Werner, Michael & Zimmermann, Bénédicte. Pensar a história cruzada: entre a empiria e a re-flexividade. **Textos de História**, v. 11, ns. 1/2. p. 89-127, 2003.

Submetido em: 30 de abril de 2024

Avaliado em: 18 de junho de 2024

Aceito em: 30 de junho 2024